

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JUCIELA MIGLIORANZA

A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA E A IMAGEM NA EDUCAÇÃO

CURITIBA

2013

JUCIELA MIGLIORANZA

A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA E A IMAGEM NA EDUCAÇÃO

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Elson Faxina

CURITIBA

2013

A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA E A IMAGEM NA EDUCAÇÃO

MIGLIORANZA*, Juciela.

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR.

Polo UAB de Apoio Presencial em Foz do Iguaçu /PR

RESUMO – A fotografia traz consigo desde sua descoberta o caráter de documento, onde cenas são captadas por lentes de fotógrafos e transformadas num importante documento visual mostrando, de certa forma, aquilo que realmente aconteceu num determinado momento. Neste contexto, objetivou-se neste artigo o estudo e a importância da imagem fotográfica dentro da sala de aula como instrumento pedagógico através de algumas obras fotográficas de Sebastião Salgado e André Cypriano. A pesquisa estrutura-se em quatro partes: a primeira trata da história da fotografia e seu desenvolvimento no Brasil, a segunda trata da importância da fotografia na educação em sala de aula; a terceira mostra o trabalho de Sebastião Salgado e André Cypriano. E, por fim, a quarta e última parte trata da leitura e interpretação de algumas imagens dos fotógrafos citados.

Palavras- chave: Fotografia. História da fotografia. Fotografia na sala de aula. Sebastião Salgado. André Cypriano.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada no período de março a junho de 2013 e tem por importância desenvolver, junto com os educandos da rede estadual de educação, um olhar diferenciado sobre o ensino da arte. No primeiro momento, encontra-se um breve estudo sobre a história da fotografia, seu desenvolvimento no Brasil e a importância da imagem dentro da sala de aula como meio interpretativo, objetivando um olhar crítico e instigando a livre expressão do educando.

Além disso, trata-se do conhecimento de dois grandes fotógrafos brasileiros que são: Sebastião Salgado e André Cypriano, artistas que documentaram a realidade de diferentes pessoas e situações, mostrando a realidade da época e do instante captado por suas lentes.

Por fim, mostra-se a opinião, a leitura feita pelos educandos da turma do 9º Ano C do Colégio Estadual Almiro Sartori, com relação as duas fotografias, uma de Sebastião Salgado e outra de André Cypriano. Ambas atraem o observador de modo que este tenha curiosidade em saber mais sobre os elementos retratos e, além disso, os temas utilizados são fortes e fazem o aluno pensar um pouco mais na própria vida e na questão social brasileira.

2 HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

A fotografia é algo que está presente em todas as partes do mundo, pois, ela representa o real, contando uma história com elementos visuais do que aconteceu ou do que existe em nosso meio. Ela é uma imagem, um documento histórico confirmando a existência de elementos que fizeram e fazem parte do universo.

A imagem fotográfica convive conosco diariamente, seja em revistas, televisão, em forma de fotografia ou imagem de vídeo e cinema, nas ruas, jornais, em todos os ambientes. Mas, afinal de contas, quem a inventou? De onde a imagem fotográfica surgiu? Conforme Cristina Oka no artigo “Origens do Processo fotográfico”

A fotografia não tem um único inventor. Ela é uma síntese de várias observações e inventos em momentos distintos. A primeira descoberta importante para a

photographia foi a “câmara obscura”. O conhecimento de seus princípios óticos se atribui a Aristóteles, anos antes de Cristo.

Desta forma, pode-se perceber que os indícios e as pesquisas da imagem fotográfica vêm de uma época muito antiga ainda antes de Cristo. O período de Aristóteles, já era conhecido o fenômeno de projeção da imagem sobre o fundo de uma caixa vedada, apresentando apenas um furo, numa forma de câmara escura”.

Neste mesmo sentido, cabe lembrar um episódio ocorrido e que é citado por Oka no texto “Arte e Expressão”:

Sentado sob uma árvore, Aristóteles observou a imagem do sol, durante um eclipse parcial, projetando-se no solo em forma de meia lua quando seus raios passaram por um pequeno orifício entre as folhas. Observou também que quanto menor fosse o orifício, mais nítida era a imagem (2003).

E foi desta maneira e através da curiosidade de muitos estudiosos que levaram esta visão de Aristóteles a outros inventores que com tentativas e pesquisas, no início do século XVI, se deu o surgimento da câmara escura. Observando o texto abaixo retirado do artigo “Arte em Expressão”, podemos ter uma ideia da descoberta e utilização da mesma:

Era uma caixa escurecida com um pequeno orifício numa das paredes, através da qual entrava a luz, que formava uma imagem na parede oposta; esta imagem era uma foto desordenada da cena exterior. Os artistas usavam a câmara escura como um esboço, traçavam então linhas e formas e coloriam a gravura. A primeira câmara escura era grande o suficiente para permitir a entrada de um homem (OKA, 2013).

Para Kossoy, em seu livro *Fotografia e história*

Durante séculos o homem serviu-se da câmara escura, instrumento que o favorecia para desenhar uma vista, uma paisagem que por alguma razão lhe interessou conservar a imagem. A imagem dos objetos do mundo visível, formando-se no interior da câmara, podia ser delineada e, de fato, viajantes, cientistas e artistas fizeram uso do aparelho, obtendo, sobre papel, esboços e desenhos da natureza (1989, p. 21)

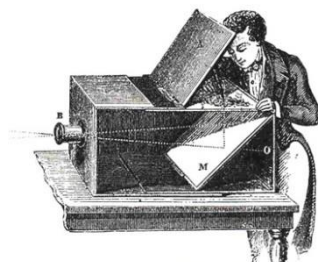


ILUSTRAÇÃO 01_ CÂMARA ESCURA¹

O tempo foi passando e mais ideias foram surgindo, tornando a câmara escura uma tecnologia mais avançada, até que um novo equipamento, muito menor e com melhores resultados, surgiu para inovar a arte de fotografar.

No início do século XVII, o equipamento era uma tenda que os artistas transportavam para o campo para esboços de paisagens. Durante a década de 1660, a câmara escura já se tornou uma caixa de 60 cm de comprimento. Uma lente sobre o orifício tornava a imagem maior e mais nítida. Um espelho no interior da câmara refletia a imagem sobre um pedaço de vidro no topo da câmara.²

Segundo Reimerink, “a fotografia não tem um único inventor. Ela é uma síntese de várias observações e inventos em momentos distintos” (2002).

E foi assim, com um pouquinho do conhecimento de cada um e muito estudo que o físico Joseph Nicéphore Niépce descobriu uma maneira de tornar as imagens permanentes. Desta forma, Janson afirma que:

Em 1822, um inventor francês chamado Joseph Nicéphore Niépce conseguiu, aos 57 anos, fazer a primeira imagem fotográfica permanente, embora a mais antiga de suas fotos que chegou até nós seja de 1826. Na época Niépce juntou suas forças as de um jovem chamado Louis Jacques Mande Daguerre, que havia criado uma câmara improvisada (1988, p. 424).

Desta forma, percebemos que Niépce e Daguerre juntaram suas ideias, sua inteligência e a vontade de criação. Niépce com mais experiência e Daguerre, um jovem pintor, inventor que ainda estava crescendo e com muitas ideias, por surgir.

O inventor tinha nascido em 1765 em Chalon-sur-Saône. A sua família graças a sua fortuna e as suas relações com a nobreza, pertencia aos meios mais considerados da Borgonha. O seu pai era advogado. Niépce

¹ Câmara escura_ Utilizada no século XVI, como um auxílio para os esboços nas pinturas. Imagem retirada do site: www.mnemocine.com.br, acessado em 03/04/2013.

² Disponível em: http://www.edukbr.com.br/artemanhas/foto_orig.asp, acessado em 01/05/2013.

vinha, portanto, da melhor burguesia, a burguesia intelectual. Graças a sua situação social, ele dispunha de todos os meios indispensáveis as pesquisas de um inventor. As tradições culturais da sua família, e as possibilidades de instrução que lhe foram oferecidas na sua juventude, eram premissas suficientes para lhe permitirem a continuação dos seus trabalhos científicos. (FREUND, SD, p. 37)

Niépce não teve sorte, morreu antes de seu produto ser aclamado e na miséria, pois havia colocado toda a sua fortuna na invenção. Desta forma, Louis Daguerre ficou com a glória do inventor da fotografia, que divulgou e tornou acessível ao público em 19 de agosto de 1839, período este em que a Academia de Ciências da França anuncia o nascimento da fotografia. Segundo Kossoy (1989), “este processo foi adquirido pelo governo francês, por meio de pagamento de uma pensão vitalícia a Daguerre, e doado ao mundo”.

É oportuno lembrar que ambos, em dezembro de 1829, assinaram um contrato de sociedade e é por este motivo que os mesmos são considerados, juntos, os descobridores da fotografia.

Dessa forma, sabemos que Niépce e Daguerre são duas pessoas que através de muito esforço e sacrifícios conseguiram, de certa forma, colocar a disposição da sociedade algo que para a época era completamente inusitado, fazendo com que as pessoas os admirassem pela capacidade de criação. Foi um amplo trabalho obtido e que até hoje continua seu aperfeiçoamento pelas mãos de outras pessoas.

Sabe-se que na época do seu surgimento não eram todas as pessoas que conseguiam adquirir um equipamento de *daguerrotipia*, como foi chamado pelos estudiosos. Segundo Vasquez, daguerrotipia é a:

Imagem produzida pelo processo positivo criado pelo Francês Louis-Jacques- Mande Daguerre (1787-1851). No daguerreótipo, a imagem era formada sobre uma fina camada de prata polida, aplicada sobre uma placa de cobre e sensibilizada em vapor de iodo (2002, p. 55).

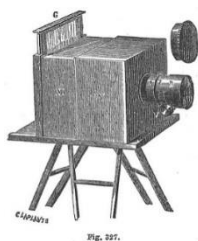


ILUSTRAÇÃO 02_ DAGUERREÓTIPO³

³Daguerreótipo, imagem retirada do site: www.upload.wikimedia.org, acessado em 01/05/2013.

Lembra Freund, que a fotografia:

Foi adaptada em primeiro lugar no interior da classe dominante, aquela que tinha em mãos o verdadeiro poder: industriais, proprietários de fábricas e banqueiros, homens de Estado, literatos e sábios, e tudo que fazia parte dos meios intelectuais de Paris. E, pouco a pouco, desceu para as camadas mais profundas da média e pequena burguesia, à medida que crescia a importância destas formações sociais (SD, p. 35).

Desta maneira, a fotografia, por ser na época um equipamento caro, somente a alta nobreza podia ter em mãos, a qual tinha o maior orgulho de poder ser retratada por uma máquina e ter contato com a própria imagem. O tempo foi passando e a fotografia continuou a crescer e se expandir. Chegou a época em que não somente a nobreza tinha a oportunidade de fazer seus retratos, mas também as pessoas de médio e pequeno poder aquisitivo. A partir daí, o produto começou a ser comercializado.

No Brasil, a fotografia não demorou muito para chegar e fazer sucesso. Encantou a todos que viam e fizeram dela uma relíquia. Desta maneira, Rafael Tonon afirma em seu texto “Início da fotografia no Brasil”, que a mesma “chegou ao Brasil no dia **16/01/1840**, pelas mãos do abade **LOUIS COMPTE**, capelão de um navio escola francês que aportou de passagem pelo Rio de Janeiro”.⁴

Na chegada, segundo Vasquez, Louis Compert “tirou os primeiros daguerreótipos em território brasileiro. Foram três vistas da região central da cidade do Rio de Janeiro, focalizando o Poço Imperial; o chafariz de Mestre Valentim; e o antigo mercado da Candelária” (2002, p. 8).

A primeira pessoa no Brasil a pegar nas mãos um daguerreotipo para fazer imagens fotográficas foi D. Pedro II, como afirma Harald Hülskath, em “Início da Fotografia no Brasil”:

Em 21/01/1840, D. Pedro II (aos 14 anos de idade), entusiasmado com a nova invenção apresentada por Compert, encomenda um equipamento de DAGUERROTIPIA em Paris. Em março de 1840, adquiriu um aparelho, comprando-o diretamente de Felício Luzaghy, por 250 mil réis, possivelmente a primeira máquina desta arte em mãos brasileiras. Tornou-se assim, o primeiro fotógrafo brasileiro com menos de 15 anos de idade! (2013)

Vasquez, em seu livro “A fotografia no Império”, lembra que “em virtude do absorvente ofício de imperador, D. Pedro II não teve a oportunidade de se dedicar

⁴ Artigo pesquisado no site: <http://www.portalsaofrancisco.com.br>, acessado em 01/05/2013.

intensamente à prática da fotografia, o que não o impediu, contudo, de se tornar a figura central da fotografia brasileira oitocentista” (2002, p. 9).

Dom Pedro II ficou encantado com a técnica do daguerreótipo, com o que aquele objeto podia fazer com a imagem da vida real. Mas, não pode se dedicar intensamente a ela. Desta forma, Dom Pedro quis agradar a quem fizesse uso do daguerreótipo em solo brasileiro. De acordo com Vasquez:

A imediata e perfeita percepção da importância do papel que a fotografia viria a desempenhar em todos os setores da vida humana fez com que D. Pedro II rivalizasse com a soberana inglesa rainha Vitória, o concedimento de honrarias aos praticantes da nova técnica (2002, p. 9).

A partir deste fato, as pessoas começaram a dar mais importância para este equipamento, incentivando e fazendo com que outras pessoas dessem valor e começassem a usufruir desta técnica. Eram pessoas mais velhas que D. Pedro II e com mais experiência de vida, onde puderam aprender, tornando-se fotógrafos e continuaram pesquisando e a cada dia aprimorando novas técnicas da fotografia.

Surgem, a partir de então, fotógrafos que se dedicavam especialmente para este fim todo o tempo de sua vida. Vasquez, afirma que:

Muitos dos primeiros fotógrafos foram itinerantes que permaneceram pouco tempo na cidade antes de seguir para outras freguesias, outros eram estrangeiros ou forasteiros que fizeram da Corte um novo lar, mas todos merecem ser louvados pelo papel crucial que desempenharam na fixação da fotografia no território brasileiro (2002, p. 10).

Eram pessoas que se apaixonaram pela fotografia e montaram estúdios fotográficos com a intenção de fazer com que outras, que não podiam ter um equipamento por muitos motivos e, desta forma, tinham em mãos a sua própria imagem ou outra qualquer, que seria uma recordação inesquecível, um documento que pôde registrar os acontecimentos da época.

Foram muitos os fotógrafos que trabalharam com a fotografia no Brasil, mas o que mais se destaca é o francês Victor Frond, que retratou e documentou em suas imagens fotográficas as belezas das terras brasileiras, ou seja, a realidade documental que existia na época. Neste sentido, o artigo “Início da Fotografia no Brasil” Tonon comprova que o artista produzia suas fotografias com temas da

realidade, da vida sofrida das pessoas que com muito sacrifício lutavam pela sua sobrevivência.

Esse fotógrafo francês registrou os escravos (em fazendas do interior fluminense) em diversas atividades, como a secagem do café, a raspagem da mandioca, a pesagem do açúcar, a fabricação de cestas e a venda de galinhas. Não lhe era permitido fotografar as penas disciplinares infligidas aos negros, como o chicote, a palmatória e a prisão”.⁵



ILUSTRAÇÃO 03_ Fotografia de Victor Frond⁶

Depois deste, surgem outros fotógrafos que ajudaram a fazer a história da fotografia no Brasil, cada um com sua visão, personalidade e maneira diferente de fotografar e fazer documentos históricos do território brasileiro.

3 A FOTOGRAFIA NA EDUCAÇÃO

O tempo foi passando e a imagem fotográfica já estava inserida em todos os cantos do mundo, contando história simplesmente com linhas formando a imagem, mostrando a realidade do exato momento do registro. Mas isso não quer dizer que o exato momento fotografado deverá ser sempre uma verdade. Como afirma Rogério Schnell, em seu artigo “O uso da fotografia em sala de aula”, “a montagem de ambientes e poses podem muito bem confundir e até induzir ao erro na interpretação das fotos.”⁷ Além de confundir, a fotografia também pode mentir, principalmente nos

⁵ Disponível em: www.girafamania.com.br/montagem/fotografo-victor-frond.html, acessado em 01/05/2013.

⁶ Escravos na raspagem da mandioca, fotografia de Victor Frond (1858)_ Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Imagem retirada do site: www.girafamani.com.br, acessado em 06/05/2013.

⁷ Artigo pesquisado no site: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/5-4.pdf>, acessado em 06/05/2013.

dias atuais com interferências de programas computacionais que manipulam a imagem sem, praticamente, deixar vestígios.

A educação, no entanto, pode usar da fotografia, que se torna um fato curioso, levando o educando a saber mais sobre os elementos que foram retratados. Com isso, ele pode querer de certa forma buscar diagnósticos de quem eram as pessoas, os lugares, a época e descobrir o que exatamente aquele instante está sendo representado na imagem. Ela tem o poder de congelar momentos que nunca mais voltarão ou serão iguais, e além de tudo oferece ao observador o poder da interpretação, como afirma Kossoy: “a fotografia será sempre uma interpretação. Ela apenas traz informações visuais de um fragmento do real selecionado e organizado estéticamente e ideologicamente” (1989 p. 78).

A interpretação da imagem ou a leitura, seja ela fotográfica ou não, é muito importante para o desenvolvimento do educando, desenvolvendo nele a curiosidade. Segundo Luciane Idêne dos Santos, com a fotografia “explora-se áreas de críticas e de estéticas, envolvendo a busca, o questionamento, a descoberta, bem como a capacidade de julgamento do aluno”.⁸ Luciane afirma ainda que a interpretação da imagem “visa o despertar do senso crítico, fazendo o aluno imaginar, fantasiar, criar, perceber, julgar, decodificar, conhecer, interagindo e fazendo parte da imagem; ao fazer leituras se interpreta, podendo questionar a realidade que foi analisada”.⁹

Toda a escola tem obrigação de oferecer ao educando a oportunidade de interpretar uma imagem. Desde cedo à criança deve ter contato com fotografias, anúncios publicitários e principalmente obras de arte para que consiga quando adolescente ou adulto encontrar realmente sua posição e seu senso crítico perante o assunto.

Dentro da sala de aula, a imagem fotográfica deverá ter o objetivo de educar, de criar cidadãos com crítica e que saibam através da fotografia fazer uma leitura interpretando de certa forma o que a mesma tem a passar.

Ler uma obra seria, então, perceber, compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem.

⁸ Artigo pesquisado no site: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00002B/00002B80.pd>, acessado em 06/05/2013.

⁹ Artigo pesquisado no site: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00002B/00002B80.pd>, acessado em 06/05/2013.

Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura. (PILLAR, 1999, p.15).

Ler uma imagem é identificar a característica do artista, é fazer dos elementos uma poesia, desfrutar da criatividade e imaginação de quem a criou. Leitura é interpretar da sua maneira algo que outra pessoa produziu e identificar os elementos presentes de forma crítica.

A fotografia, neste sentido, poderá ajudar o aluno a desenvolver outro olhar, diferenciado daquele em que ele está acostumado a ver, desenvolvendo a criticidade e a livre expressão. Para isso, ela deve ser inserida na sala de aula de uma maneira singela, delicada, cuidando para que a mesma não tenha o poder de agredir o educando ou o outro.

A imagem conta uma história, e como afirma Kossoy, "a fotografia será sempre uma interpretação. Ela apenas traz informações visuais de um fragmento do real selecionado e organizado estéticamente e ideologicamente" (1989, p. 78).

A imagem fotográfica dentro da sala de aula como meio interpretativo e de desenvolvimento do senso crítico é muito importante e essencial para a formação dos jovens hoje. Com a leitura de imagens o educando passa a obter maior conhecimento, aprende a analisar de vários ângulos e pontos de vistas e principalmente desenvolve seu pensamento obtendo seu próprio argumento perante determinados assuntos.

4 ARTISTAS DE DOCUMENTO SOCIAL

Como exemplo de profissionalismos fotográfico temos Sebastião Salgado e André Cypriano. Ambos fotojornalistas que documentam em suas lentes a realidade vivida principalmente por pessoas pobres, mostrando a felicidade, harmonia, mas também as dificuldades dos elementos retratados. Suas obras são exemplos que dentro da sala de aula instiga o educando a obter um olhar diferenciado e principalmente crítico.

4.1 SEBASTIÃO SALGADO

Sebastião Salgado é considerado o maior fotógrafo brasileiro. Seu trabalho mostra a realidade vivida por muitas pessoas de diferentes idades e países.

Camilo Vannuchi conta que “Salgado tirou seus primeiros retratos em 1971, aos 27 anos” (2000, p. 29). Sua primeira imagem foi por intermédio de sua esposa Lelia Wanick Salgado, arquiteta, quando ambos moravam em Paris. Vannuchi afirma que Lelia foi:

obrigada a comprar uma câmera Pentax para fotografar apartamentos. Seu marido “roubou-lhe” a Câmera por um instante e tirou um retrato seu, sentada no parapeito da janela, em um dia de sol. Maravilhado com o resultado de sua imagem em contraluz, seguiu captando retratos da mulher e das crianças e trocava o filme colorido pelo negativo em preto e branco (2000, p. 2.30).

Gostando da ideia, Salgado apaixonou-se pela fotografia e não parou mais de fotografar. Adquiriu seu próprio estilo de cunho social preferindo o preto e branco para retratar garimpeiros, cortadores de cana, tribos indígenas, movimentos dos trabalhadores rurais sem terra, flagelados pela fome e pela guerra, trabalhadores em minas de carvão entre outros. Ao perceber o sofrimento dessas pessoas, Salgado as fotografa, como forma de denunciar as injustiças sociais.

Para Galeano, “os retratos de Salgado oferecem um retrato múltiplo da dor humana. Ao mesmo tempo, convidam-nos a celebrar a dignidade humana. São de uma fraqueza brutal essas imagens de fome e de pena, e, no entanto, tem respeito e pudor” (1993, p. 232).

Através da fotografia, Salgado consegue mostrar uma realidade por muitos não conhecida e, ao mesmo tempo, denunciar as injustiças e as desigualdades sociais. Suas imagens, em tons preto e branco, tornam-se mais tristes, frias e sombrias, falando muito mais do que muitos textos. Seus elementos são retratados com olhares tristes, doentes, sem esperança e em situações caóticas em que vivem num mundo totalmente desumano ao ponto de comover ainda mais o observador.

4.2 ANDRÉ CYPRIANO

Nasceu em São Paulo em 1964 e ali mesmo formou-se em administração de empresas, pela qual não seguiu a carreira decidindo em 1989 mudar-se para os Estados Unidos e, na cidade de São Francisco, um ano após sua chegada, começou a estudar fotografia, apaixonando-se e dedicando a maior parte de seu tempo para documentar a vida da população.

A fotografia está presente em qualquer circunstância da vida, ela é uma prova real daquilo que aconteceu, do instante captado, o qual nunca mais voltará.

Pensando assim, Cypriano infiltrou-se no mundo real e captou as cenas mais chocantes e dramáticas que podemos imaginar. Um homem forte de espírito e determinado a fazer o seu trabalho sem pensar nas consequências que isso poderia lhe trazer. Cypriano é um fotógrafo de destaque, documenta sem medo os estilos de vida tradicionais, e práticas de sociedades em lugares menos conhecidos nos remotos cantos do mundo, com uma tendência para o raro e extraordinário, mostrando as verdades para os quais muitas pessoas estão longe e nem sabem que existem.

Um dos seus mais importantes trabalhos foi o foto documentário feito na Ilha Grande, mais especificamente no “Caldeirão do Diabo”, localizado no 5º Distrito do Município de Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro. Para Brito, “a ilha foi usada como presídio para abrigar presos políticos, época em que a economia local girava em torno de indústrias de salga de peixe.”¹⁰

A Ilha Grande é um lugar de aparência muito bonita, o mar e a areia transmitem para os visitantes uma enorme calma e tranquilidade, os moradores são humildes, vivendo da pesca. É um lugar isolado, longe dos centros urbanos, um paraíso até cairmos na realidade de que neste ambiente esteve localizado um dos maiores presídios de segurança máxima do Brasil.

André Cypriano em seu livro argumenta que:

Em 1985, antes de deixar o Brasil para morar nos Estados Unidos, fui com alguns amigos para surfar na Ilha Grande. Um dia, enquanto relaxávamos em uma das praias desertas da ilha, surgiu, de repente, um grupo de militares à procura de alguns prisioneiros que havia fugido. Os policiais nos aconselharam a ficarmos juntos, pois seria mais seguro.

¹⁰ Artigo pesquisado no site: www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno, acessado em 07/05/2013.

Hora mais tarde, um helicóptero sobrevoava o mar, com dois furtivos enrolados dentro de uma rede suspensa no ar. Vagarosamente ela foi deixada na areia branca sob a mira das armas dos policiais. A presença dos dois prisioneiros estendidos a nossa frente me fez tomar consciência de que a prisão realmente existia (2001, p. 55).

A partir deste instante Cypriano se deu conta de que neste lugar de natureza magnífica e exuberante havia muitas pessoas que teriam cometido crimes e que, naquele local, ele poderia estar correndo risco de morte.

Não teve receio algum e, sim, este fato só o ajudou a tomar coragem para fazer um documentário fotográfico dentro da prisão, sobre a vida que os presidiários tinham o comportamento de cada um perante a situação que se encontravam e a rebeldia contra a própria vida.

Ficou certo tempo residindo com os presos dentro da penitenciária, e, ao sair Cypriano vai até a favela da Rocinha e encara com entusiasmo o novo desafio, que para ele seria uma honra retratar os familiares e a realidade com que eles viviam dentro da favela, mostrando de certa forma, o que há de positivo e também o negativo de uma das maiores favelas do Brasil.

Entrando no local ele permaneceu por um mês, fazendo um documento visual sobre a vida das famílias que vivem e convive com a violência, tráfico, drogas que circulam dentro da favela. Retrata os momentos de trabalho, lazer e a arquitetura da mesma.

Suas fotografias não serviram somente como uma reportagem. Ele fotografou com um olhar poético, onde a imagem retrata os momentos de um ambiente escuro espiritualmente, triste, sofrido com outros olhos, cheios de vida e exuberância, como se fossem poesias saindo de suas imagens e tocando o coração das pessoas que as admiram.

Além da Rocinha, André Cypriano fez um foto documentário em alguns ex-Quilombos brasileiros, preocupando-se com a vida que levam em lugares distantes das cidades e o preconceito com que as pessoas, na maioria das vezes, têm em relação aos afrodescendentes, que ajudaram a “erguer” com braços fortes o Brasil e, que hoje estão escondidos no meio da mata, distante do mundo que os cerca.

5 PESQUISA DE CAMPO

Para fazer a pesquisa selecionei duas imagens fotográficas. Uma delas é de Sebastião Salgado onde em primeiro plano encontra-se uma criança magra, com sua saúde debilitada por falta de alimento e está sendo pesada numa balança artesanal. A segunda imagem é de André Cypriano e o que se destaca como elemento principal é um jovem sem camisa vestindo simplesmente uma bermuda segurando uma arma em um beco de favela. Escolhi ambas as imagens por motivo de conscientização, pois os temas usados pelos fotógrafos se fazem muito presentes na vida das famílias da grande maioria dos meus alunos.

A turma do 9º ano C da escola estadual Almiro Sartori concentra-se em 23 alunos de 14 a 16 anos do período vespertino. Residem no bairro Portal da Foz no município de Foz do Iguaçu. É uma turma com uma grande concentração de alunos faltosos e com diversos problemas familiares interferindo de certa forma na sala de aula. Comecei a pesquisa com duração de uma aula mostrando na TV pendrive à imagem de Sebastião Salgado e após a de Cypriano. Ambas foram analisadas pelos alunos e fiz algumas interferências com perguntas em olhares não percebido pelos alunos.

No decorrer da pesquisa procurei conhecer um pouco mais da vida de cada educando através das duas fotografias analisadas por eles. Pude perceber que eles não se espantaram quando mostrei a primeira imagem de Sebastião Salgado, tampouco quando mostrei a de André Cypriano. Eles simplesmente começaram a rir da situação que os elementos se encontravam distribuídos na fotografia, tirando sarro dos amigos, não levando tanto a sério como eu entendia que deveriam.

Diante dessa reação, decidi conversar seriamente com os alunos, explicando sobre a fotografia e também sobre a biografia dos dois fotógrafos, destacando o trabalho dos dois. Logo, fiz algumas perguntas com relação às imagens 04 e 05 obtendo as seguintes respostas:



ILUSTRAÇÃO 04_ Sebastião Salgado (1985).¹¹ILUSTRAÇÃO 05_ André Cypriano¹²

¹¹ Fotografia de Sebastião Salgado pesquisada no site: www.fao.com.br, acessado em 28/06/2013.

6 LEITURA DA ILUSTRAÇÃO FOTO DE SEBASTIÃO SALGADO (1985)

Diante da pergunta “Descreva o que você vê nessa imagem? A aluna Jussara disse: Eu vejo uma criança sendo pesada, numa casa humilde e o menino está muito magro.” Já a aluna Silvia afirmou que também vê um menino magro, em uma casa muito humilde de barro, “parece ser uma casa típica do Nordeste”. Diante da pergunta “Qual é o tema da fotografia?” Cinco alunos João, Silvia, Jociel, Victória e Luana afirmaram que seria a fome. Fome esta que está estampada no corpo da criança, fazendo com que a imagem instigue os educandos a pensarem um pouco mais em sua vida.

Na seguinte pergunta “Em que ambiente o elemento principal da fotografia se encontra?” todos conseguiram ver que o elemento principal está em uma casa de barro. Já, diante da pergunta “O que você mais gostou nessa fotografia?” Luana respondeu: “Eu não gostei, ela é muito triste”. Já do ponto de vista do João, mesmo com o tema triste ela tem sua beleza, “por- que eu consigo aprender com ela.” Ou seja, João percebeu que mesmo mostrando uma criança quase morrendo de fome a imagem passa aos espectadores um ensinamento.

Ao responder a pergunta “Essa imagem fotográfica lembra algo ou alguém que você conhece?”, Silvia disse: “Lembra uma criança que eu vi ajudando a mãe catar papelão. Ela era bem magrinha, parecia que não conseguia ficar em pé”. O aluno João afirmou: “Uma época meu irmão estava quase desse jeito, ele era muito magrinho”. Percebe-se que os dois alunos conseguiram fazer comparações com alguém que eles conhecem, enquanto outros, como Pedro, simplesmente escreveram que nunca tinham visto uma pessoa parecida e nem queriam ver, pois “ela é muito feia”.

À pergunta “você já viu uma imagem semelhante”?, Jociel respondeu: “Eu vi em uma revista”. Luana escreveu: “Eu vi no livro de história”. Já João, Victória, Viviane, Maria Eduarda, Isaque e Wanderson afirmaram que viram na internet. Na seguinte pergunta, “O que você sente quando olha a fotografia”?, Jussara, Wanderson, Isaque, João, Cibele, Juliana e Julia afirmaram que a imagem demonstra a tristeza. E, Luiz disse que sentia raiva em saber que existem tantas

¹² Fotografia de André Cypriano pesquisada no site: www.muraldeimagens.com.br acessado em, 28/06/2013.

peças passando dificuldades, especialmente fome enquanto outros têm de tudo. Ou seja, a fotografia despertou no aluno Luiz uma indignação perante as desigualdades que existem na sociedade. Constata-se aqui que a imagem é muito significativa e faz o educando escrever o que ele realmente pensa, sente, instigando de certa forma seu censo crítico.

7 LEITURA DA FOTO DE ANDRÉ CYPRIANO

Na análise da segunda imagem, ilustração 05, percebeu-se que a maioria dos alunos gostou mais do que a anterior, pois faz parte da realidade deles. Na primeira pergunta, “Descreva o que você vê nesta imagem?” a aluna Luana respondeu: “eu vejo uma criança que se tornará um traficante”. João disse: “Nossa, que arma bacana!” Já Silvia afirmou que vê um adolescente entrando no mundo do crime.

É muito interessante as diferentes constatações a partir da realidade em que os alunos se encontram. Para alguns, essa imagem é maravilhosa, ao enxergarem o principal elemento segurando a arma. Outros ficam indignados com a situação em que o adolescente se encontra.

Diante da segunda pergunta, “Qual o tema da fotografia?”, Jociel, Maria, Victória e Julia responderam: “crianças no mundo do crime”. Na terceira pergunta, “Em que ambiente o elemento principal da fotografia se encontra?”, Jociel respondeu: “em um beco de favela”. Luana, Maria, Juliana, Silvia, Jussara responderam: “em uma favela”.

Na seguinte pergunta, “O que você mais gostou nesta fotografia?”, João respondeu: “Gostei da arma”. Victória e Maria afirmaram que não gostaram, pois é uma imagem que passa para os leitores os horrores das favelas. Já, na pergunta “O que você não gostou nesta fotografia?”, a aluna Priscila respondeu: “Eu não gostei da fotografia, pois ela mostra a realidade de muitas crianças de nossa comunidade. É uma foto triste e desesperadora”. Neste caso, a aluna conseguiu perceber o que está acontecendo com muitas crianças da nossa sociedade principalmente ao seu redor.

Na seguinte pergunta, “O que mais chamou sua atenção nessa fotografia?”, a Victória, Maria, Julia, Juliana e Isaque responderam: o que mais chamou minha atenção na fotografia é a arma que está nas mãos do adolescente. Na pergunta “Essa imagem lembra algo ou alguém que você conhece?” o aluno Pedro

respondeu: “meu primo morreu por causa de uma arma. Ele foi assassinado”. Isaque afirmou: “lembra-me um vizinho que passa lá perto de casa com uma arma na mão. Já na seguinte pergunta, “Você já viu alguma imagem semelhante? Onde?”, Victória, Luana, Priscila e Maria responderam: vi em jornais, revistas, televisão e internet.

Ou seja, essas imagens estão estampadas em todas as mídias que conhecemos e a cada dia que passa a realidade dessas crianças acaba ficando mais perto e semelhante à imagem analisada. E, para finalizar “O que você sente quando olha para a fotografia?”, Luana, Victória e Marcela responderam: “tristeza”. Já o aluno João disse: “nossa, quero uma igual!”

Com as leituras realizadas pelos alunos pude perceber que eles se identificam com as fotografias analisadas. Muitos gostaram de ver um adolescente com a arma em mãos e outros tinham pena da criança sofrendo por falta de comida. As imagens instigam os alunos a pensarem o que é certo e o que é errado e até mesmo debater sua ideia com os demais colegas. Aprendem a argumentar e a criar ideias próprias.

Foi uma experiência bastante produtiva, pois além de despertar um olhar diferenciado perante as fotografias pude através das leituras conhecer um pouco mais a vida dos meus alunos.

Como se percebe, o uso da fotografia abre muitas possibilidades para se iniciar uma discussão sobre a vida deles e suas posturas diante da sociedade, porque eles se identificam com elas e se expõem. É a partir desse momento que se pode iniciar um processo realmente educativo, de preparação desses educandos para a vida. Mostrando o que é certo e errado fazendo com que o educando possa perceber com outro olhar e pensamento crítico a realidade que os rodeiam. É uma forma de fazer com que eles pensem e utilizem da sua crítica para tentar mudar a realidade. Portanto, a fotografia se torna um elemento fundamental no processo de reflexão, de ensino-aprendizagem.

8 CONCLUSÃO

Ao término desta pesquisa pode-se concluir a grande importância que a imagem traz para a educação de nossas crianças e adolescentes. Com essas duas fotografias percebe-se o senso crítico de cada educando e a maneira diferenciada de analisar e apreciar uma obra de arte fotográfica. Além disso, percebeu-se que

uma aula com imagens muitas vezes é muito mais produtiva, pois os educandos acabam prestando mais atenção e muitos gostam de opinar sobre a fotografia, seu tema e elementos ou cores. Percebeu-se a indignação de muitos ao ver a criança com fome e as conclusões que muitos obtiveram naquele momento.

Pode-se concluir que a fotografia como uma prática pedagógica é muito importante e leva o educando a pensar sem ter medo de falar ou colocar no papel o que ele realmente pensa. Muitas vezes, o aluno fica com medo, receio ou até vergonha de contar onde vive, com quem se relaciona e quais suas expectativas perante os temas estudados. As imagens e a maneira como foi ministrada a aula fizeram com que os educandos perdessem a vergonha e conseguissem se expor respondendo a todas as perguntas.

Por isso, a fotografia dentro da sala de aula deve ser lembrada com mais frequência entre os professores. Não só os educadores de Arte, mas sim a interdisciplinaridade com outras matérias. Pois acredito que fará a diferença no pensamento e censo crítico de nossos alunos.

REFERÊNCIAS

- CYPRIANO, André. **O Caldeirão do Diabo**. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2001.
- SALGADO, Sebastião. **Êxodos: Humanidade em Transição**. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.
- SALGADO, Sebastião. **Êxodos: Leituras da Imprensa**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.
- FREUND, Gisele. **Fotografia e Sociedade**. Lisboa: Editora Veja, sd.
- HULSKATH, Harald. In: **Início da Fotografia no Brasil**. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br>, acessado em 03/05/2013.
- JANSON, H. W. e JANSON Antony F. **Iniciação à história da arte**. São Paulo: editora Martins Fontes, 1988.
- KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.
- OKA, Cristina. **Arte e Expressão**. Disponível em: www.cotianet.com.br, acessado em 04/04/2013
- OKA, Cristina; ROPERTO, Afonso. **Origens do processo fotográfico**. Disponível em: <http://www.cotianet.com.br/photo/hist/comesc.htm/> Acesso 03/04/2013.
- PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar do ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- REIMERINK, R.K. **A câmara escura: o princípio da fotografia**, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, as técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa**. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 2004.
- VAZQUES, Pedro Karp. **O Brasil na fotografia oitocentista**. São Paulo: Metalivros, 2003.

VAZQUES, Pedro Karp. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar Ltda, 2002.